

A IGREJA DO “DIABO” E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA*

ARTHUR DE VARGAS FERON

Licenciado em Educação Física – Universidade Federal do Paraná (UFPR)
E-mail: arthurferon@gmail.com

MARCELO MORAES E SILVA

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa
Cultura, Escola e Ensino – Universidade Federal do Paraná (UFPR)
E-mail: moraes_marc@yahoo.com.br

RESUMO

O presente ensaio procura analisar a produção do conhecimento na educação física pela óptica do conceito foucaultiano de regime de produção de verdade, que também foi contextualizado no conto de Machado de Assis denominado “A Igreja do Diabo”. Para alcançar tal intento, efetuamos uma análise da discussão acadêmica da área a partir da década de 1970, que culminou com a criação do Centro de Estudos de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs) e do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Nesse sentido, concluímos que a produção do conhecimento da área deve “continuamente” (des)construir as verdades, os saberes e os poderes existentes para, quem sabe, poder constituir uma estratégia subversiva e fértil para o pensamento em educação física.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; produção do conhecimento; verdade.

* Somos gratos ao parecerista anônimo da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, pela sua leitura rigorosa e crítica que contribuiu com sugestões importantes para a “lapidação” do presente ensaio.

Poderia parecer ousadia demais, ainda que não fosse “verdade”¹, dirigir as palavras que se seguirão para efetuar uma análise de parte da discussão científica da educação física no Brasil, visto que tais esforços possuem um excesso de curvas e enfeites, típicos de um linguajar a adequar-se às premissas de uma comunidade científica. Tais premissas são produto de discursos que, como aponta Michel Foucault (2004), representam não somente um simples instrumento lingüístico, mas principalmente uma máquina de interdição e proibição, que legitima a fala de alguns em detrimento de outros².

Inicialmente se adotará o corpo como primeiro objeto de reflexão. Com o objetivo de realizar um maior esclarecimento acerca dos “olhares” que cercaram, e ainda cercam, os rumos da construção da discussão acadêmica da área da educação física, será abordada a idéia de corpo de modo sucinto, buscando-se uma contextualização para este trabalho.

É possível aludir ao corpo valores como corpo-objeto, corpo-mercadoria, corpo-pecado, corpo-prótese, entre outras. Essas denominações nascem conforme a melhor adequação aos valores vigentes de cada época, sem perder, entretanto, ligação com os modelos anteriores (NÓBREGA, 2001).

Aqueles que têm o corpo como objeto de estudo, trabalho, doutrinação ou educação, em virtude da dualidade cartesiana imposta pela ciência moderna, também têm o costume de ignorar sua presença mais do que física. A esse evento podemos apontar o processo histórico como protagonista do entendimento e trato com o corpo atual, seja por pessoas físicas ou por instituições que se apropriaram deste como objeto de estudo e delegaram e delegam “verdades” a seu respeito (FOUCAULT, 1978).

A educação física possui, nesse cenário, um importante papel. Embora não seja o objetivo deste trabalho discutir a respeito da sua especificidade de estudo, seria no mínimo imprudente não apoiar a discussão sobre a construção do discurso das ciências naturais e a sua extensão sobre a produção do conhecimento em edu-

¹ Entendendo o sentido da palavra “verdade” a partir dos pressupostos teóricos de Michel Foucault (1986), que designa a esse termo o sentido de algo provisório que se manifesta dentro das relações de poder.

² Não se está a afirmar que o discurso de alguns sempre será sobreposto pelo de outros. Acreditamos, baseados nas reflexões de Michel Foucault (2002) sobre o poder, nas quais o autor argumenta que tais relações são exercidas em muitas e variadas direções. Nesse sentido, a predominância de um discurso sobre o outro pode variar, não somente existindo um discurso sempre dominando o outro.

cação física, que, queira ou não, ajudaram e ajudam a produzir “determinadas” formas de viver e sentir o corpo na contemporaneidade.

Assim, seguimos este estudo fazendo uma breve análise³ acerca da produção do conhecimento da área a partir da década de 1970 no Brasil, momento este marcado por um olhar das ciências naturais em relação ao que tange a educação física. Tais estudos buscaram apontar possíveis rumos e conflitos que permearam e ainda permeiam a construção do campo científico da educação física em nosso país.

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO: OS CAMINHOS TRAÇADOS E SUA REPERCUSSÃO

Jocimar Daolio (1997) aponta o final da década de 1970 como o período de início da proliferação significativa de trabalhos acadêmicos na educação física. Há nesse fato duas considerações importantes a serem feitas. A primeira consideração diz respeito ao final do período militar. A segunda, à quantidade de profissionais do campo da saúde que se especializavam fora do Brasil e contribuía, quando retornavam, com conhecimentos adquiridos nas áreas biológicas, como, por exemplo, em fisiologia, em aprendizagem motora ou em biomecânica, para não citar inúmeras outras especialidades.

Antes deste período havia uma certa aceitação de que a Educação Física era uma prática escolar com objetivos de desenvolver a aptidão física dos alunos e de iniciá-los na prática esportiva. O respaldo teórico provinha exclusivamente das ciências biológicas (idem, p. 182).

Com o início da redemocratização no país, críticas aos modelos de educação de todas as instâncias começaram a ser feitas. Na educação física não foi diferente. Valter Bracht (2003) aponta como ponto de interdição da reconstrução dos modelos de educação o contato com o debate pedagógico brasileiro das décadas de 1970 e 1980, e não com as ciências do esporte. Tal diagnóstico veio a colaborar com a produção de estudos com base no viés pedagógico e amparado nas ditas ciências humanas, pois o processo de formação dos professores em educação física passou também a procurar respaldo acadêmico em outras áreas de conhecimento que não apenas aquelas voltadas aos preceitos biológicos e positivistas. A partir de então “novos horizontes” foram vislumbrados pela educação física. A consequência

³ É importante lembrar o leitor de que não é objetivo deste trabalho realizar uma pesquisa histórica e sim o de trazer importantes elementos para o debate sobre a produção do conhecimento na educação física.

foi o surgimento de várias formas de pensá-la, culminando com um intenso debate entre os representantes de cada uma das matrizes, nos anos de 1980 (DAOLIO, 1997, 1998).

Pelo que foi exposto, “pode-se entender” que as atitudes que devem ser tomadas para a compreensão das características da produção científica atual são: pensar os representantes de cada uma das “subáreas”⁴ da educação física, rememorar os preceitos históricos que nortearam o “nosso rumo” e fazer análises das produções da área ou ainda – na expressão de Valter Bracht – rememorar o conhecimento do conhecimento produzido.

Nesse sentido, muitos são os autores e atores – nas palavras de Jocimar Daolio – que em algum momento se interessaram por estudar os rumos da educação física brasileira (BRACHT 1998, 2003; SILVA, 2005). Assim, Valter Bracht (2003) chama a atenção para as produções das “subáreas” da educação física até fins dos anos de 1970 e os novos horizontes que emergiam no campo com a busca por outras áreas do conhecimento:

Esses estudos constataram então que havia um predomínio das “subáreas” da medicina esportiva, da fisiologia e da cineantropometria, enfim, uma forte influência das ciências naturais, mas que, principalmente a partir de 1980, podia-se verificar um crescimento das “subáreas” pedagógicas e sociocultural, essas sob a influência das ciências sociais e humanas. A discussão propriamente epistemológica estava na verdade ausente, mas o crescimento da influência das ciências sociais e humanas vai fazer aflorar esse debate necessário (idem, p. 62).

Francisco Eduardo Caparróz, ao discorrer sobre o assunto, também menciona a questão da ordem política vivida pelo país até então, mas chama a atenção para outro fato marcante que notoriamente contribuiu com o movimento de crítica que surgiu em meados da década de 1980.

Um deles foi o momento histórico-sóciopolítico da sociedade brasileira a partir de final dos anos 70, com o processo de redemocratização. O outro fator foi à necessidade da própria área de se qualificar academicamente a fim de suprir as necessidades colocadas pelo mercado de trabalho nas instituições de ensino superior (Caparróz apud DAOLIO, 1998, p. 45).

A respeito dessa condição de “necessidade” de qualificação da educação física como área de produção científica consideramos possível justificar tal afirmativa ao referendarmos uma proposição de Marcos Aurélio Taborda de Oliveira, na qual

⁴ Expressão utilizada por Valter Bracht (2003).

o autor, ao escrever sobre a busca pela consolidação da educação física brasileira, levanta a seguinte questão:

Como pode alguém advogar que a sua área de atuação profissional merece ser valorizada se não tiver um discurso que demonstre, ou até prove, que ela é fundamental para a organização social? (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p. 35).

A pertinência dessa questão levantada pelo autor é indiscutível. Mas quem ou o que seria capaz de atribuir tal valor ao discurso dominante na área? Ainda que a discussão se detenha sobre “pressupostos científicos” ou de “ordem social”, que possua caráter positivista ou pensamentos imbricados nas relações “Estado-sociedade” ou discuta o caráter das “reais” necessidades de atribuir significados acerca da conceituação do movimento humano, ainda assim, a discussão parece ater-se não apenas à construção “saudável” do conhecimento, mas sim a uma disputa de afirmação e competição por uma maior veracidade indubitável de seu próprio discurso. Ou seja, como aponta Michel Foucault (1986), produzir um determinado tipo de saber para conseguir obter uma melhor colocação nas dinâmicas das relações de poder.

Essa discussão e embates travados no cenário acadêmico parecem apenas reforçar a lógica dualista⁵ de conflitos de interesses. Por sua vez, nessa disputa, cada um à sua maneira, na medida em que desqualifica o discurso do outro em detrimento de sua própria promoção, fortalece o conflito, perpetuando um impasse no qual nunca se pode forjar definitivamente sua condição de estatuto legítimo da área, por necessitar continuamente do amparo do outro.

Para a construção do seu campo científico, a educação física viu-se pressionada no início da década de 1980 a atribuir a seus pensamentos e produções mais do que reflexões sociológicas, antropológicas, filosóficas e pedagógicas em seu teorizar. A partir desse contexto histórico e tendo em vista as políticas nacionais de incentivo ao esporte⁶, surge uma enorme necessidade de consolidação científica da área. Quicá,

⁵ O termo dualista na maneira como está sendo empregado no texto não pretende desqualificar ou desconsiderar outros vieses possíveis para análise ou enquadramento dos discursos, pois acreditamos que as possibilidades de criação destes são infinitas. Nesse sentido, a utilização do termo dá-se como critério pessoal para melhor ilustrar essas oposições transvertidas, porém não contrárias, deles. Uma contendo perspectivas das ciências naturais e a outra com pressupostos pautados nos estatutos das ciências humanas.

⁶ Como aponta Valter Bracht (1998), a política para o setor da educação física/esportes do governo federal, no final da década de 1960 e na de 1970, esteve orientada para a melhoria do desempenho esportivo do país.

neste momento, a educação física tenha realmente ganho um espaço cientificista para seu “teorizar” (BRACHT, 2003). Houve então um movimento próprio de necessidade de afirmação de uma “economia política da verdade”⁷, própria para a área. Nasce, pois, desse regime imperativo, os primeiros conflitos e construções de embates discursivos sobre a produção do conhecimento na educação física no Brasil.

O EMBATE DOS DISCURSOS: NASCIMENTO E CONFLITOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de *fundar uma igreja*. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia [...], sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivía, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez (ASSIS, s.d., grifos nossos)⁸.

Fundar uma Igreja. Uma idéia considerada extraordinária por alguns, e motivo de descontentamento para outros. Para os “não-pagãos”, já devidamente seguidores de uma doutrina consagrada, diante do nascimento de uma nova Igreja há, além da preocupação, a necessidade de (re)afirmar a própria crença, na ânsia por não se desviar por outra doutrina ou seguir outro rumo. No campo da produção do conhecimento na educação física, por exemplo, não poderia ter sido diferente. Na eminência de uma nova “verdade” proferida por essa Igreja que dava sinais de

⁷ A economia política da verdade, que Michel Foucault também associa ao conceito de regime de verdade, “tem cinco características historicamente importantes: a ‘verdade’ é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica e política quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social” (FOUCAULT, 1986, p. 13).

⁸ A citação mencionada reflete a intenção de apontar alguns conflitos presentes no campo da educação física e que certamente marcaram o rumo da sua produção do conhecimento. Também é preciso destacar que as devidas metáforas empregadas no texto não possuem a intenção de atribuir juízo acerca dos apontamentos feitos. Essa preocupação é por si só justificável, já que, em se tratando dos assuntos de interesse do *Diabo* ou de *Deus*, corremos o risco de travar aqui uma grande batalha já conhecida desde tempos e que, como sabemos, nunca apresentou um único “vencedor”.

gestação, arriscando abalar a solidez do discurso vigente que sabidamente estava sob a superintendência das ciências naturais, coube à “velha” doutrina fortalecer-se na “fé” do seu discurso, e seguir pregando sua conhecida homilia.

– Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. *Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesástico [...]* E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única [...]. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo (Assis, s.d., grifos nossos).

Para os “pagãos”, portanto, uma “Igreja” seria uma forma legitimada de ratificar seu próprio discurso. Por tudo isso, dado o período da gestação, chega o momento do “nascimento”. Com ele, “nascem” outras posturas desafiadoras, estas inspiradas sobre os discursos das ciências humanas, que provocaram certo incômodo naqueles que se sentiam como que membros fiéis de sua Igreja e seguidores de uma única doutrina, “advogados da verdade”, quanto aos rumos que a produção do conhecimento da área deveria seguir.

Dando lógica aos argumentos apresentados é que utilizamos um registro que marcou a história da produção do conhecimento na educação física no Brasil: o “nascimento”, em 1978, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). A “criação” dessa instituição ocorreu principalmente por dois fatos. O primeiro diz respeito à necessidade imposta à área de “teorizar” a educação física⁹. A partir desse fato concreto e refletindo as preocupações políticas e econômicas do período no país, passa a ganhar espaço uma postura de “teorizar” cientificista não só no, mas também da área da educação física. O último diz respeito à necessidade sentida por profissionais, com formação específica nos cursos de graduação em educação física, de afirmar um discurso científico próprio, sem vícios de outros olhares – médicos, pedagogos, higienistas etc. (BRACHT, 1998).

Até então, antes do “nascimento” do CBCE, ocorreram iniciativas que buscaram atender a essas preocupações e que, assim, formaram os primeiros centros de pesquisa¹⁰. Em vista dos “vícios” criados historicamente sobre o teorizar acerca

⁹ Embora ainda no começo da caminhada dessa incipiente comunidade científica que se organizava a passos lentos, cujos primeiros trabalhos e publicações guardavam grande influência da visão biologicista das ciências naturais. Contudo, o debate com outras correntes de pensamento foram timidamente conquistando espaço, contribuindo assim com a construção do caráter atual dos pesquisadores da área. Nesse sentido, a relação do “nascimento” da instituição com o momento de “crise” da educação física apontado por Valter Bracht (2003) possui relação direta e contundente.

¹⁰ Esses centros de pesquisa estavam em sua grande maioria diretamente ligados a laboratórios de áreas da medicina e biologia, realizando estudos em linhas de pesquisa da fisiologia, biomecânica,

do corpo, esses locais apoiaram-se sobre os preceitos das ciências naturais – e aqui nos referimos aos preceitos das ciências biológicas – para legitimar suas constatações e resultados. Exemplo maior dessa afirmativa foi a criação de um Centro de Estudos de Aptidão Física (Celafiscs) na cidade de São Caetano do Sul, no estado de São Paulo. O contexto e o momento em que se dá o seu surgimento é bem compreendido nas palavras de Jocimar Daolio (1998, p. 45):

[...] houve um esforço de agrupamento de uma ainda incipiente comunidade científica. Liderado pelo médico Victor Keihan Rodrigues Matsudo, um grupo de profissionais interessados principalmente na fisiologia do esforço e na antropometria fundou em 1974 o Celafiscs, Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul [...] O Celafiscs sempre primou pela intensa produção científica de seu grupo, pela formação de pesquisadores [...] Em que pese sua preferência pela pesquisa quantitativa de cunho fisiológico ou antropométrico, nunca excluiu interessados em realizar pesquisas com outros referenciais teóricos [...].

Jocimar Daolio (1998) esclarece ainda que a maior parte do grupo que integra o Celafiscs atuava na Federação Brasileira de Medicina Desportiva (FBMD), fato esse que conferia aos profissionais e pesquisadores da educação física um *status* minoritário nesse espaço, inclusive, sem direito a voto. Sendo assim, eles saíram da FBMD e acabaram por criar o CBCE, quem sabe buscando um reduto próprio que lhes conferisse a própria jurisdição...

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e *desafiá-lo* [...] E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, *arrancou da sombra para o infinito azul* (Assis, s.d., *grifos nossos*).

Sendo assim, os discursos das ciências naturais que atestavam até então a “fé” e a “verdade” de seus seguidores na construção de um campo do conhecimento da educação física que se pretendia científico foram abalados. Passaram a dividir o cenário acadêmico, principalmente no espaço do CBCE, com “outros” pesquisadores que, na ânsia por responder questões já não mais compreendidas em seu conjunto

biofísica etc. Exemplo disso é o Laboratório de Fisiologia do Exercício (Labofise) da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual um dos idealizadores do CBCE, professor doutor Cláudio Gil Soares de Araújo, na época graduando do curso de medicina, mantinha ligações. Outros laboratórios de pesquisa que podem ilustrar a condição são: Laboratório de Performance Humana da Universidade Gama Filho (UGF), na época coordenado pelo doutor Edmundo Vieites Novaes, e o “Lafiscs”, que viria a ser conhecido posteriormente como Celafiscs.

ou respondidas à altura de sua complexidade, necessitavam de um “outro” olhar para que houvesse um aprimoramento do “fazer ciência” na educação física.

Inicia-se assim, dessa necessidade “inovadora”, um movimento que se justifica em sua essência pela disputa de poder, um poder construído pela produção de um determinado saber, o científico. Disputa essa com ditames não existencialmente justificados pelo simples “fazer ciência” na educação física, mas que se justifica e manifesta, como aponta Michel Foucault (1986, 2002), em um movimento de lutar contra o poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, do discurso.

Certo é que esse discurso foi sentido em tom de incômodo e “desafio”. Prova disso é o relato de um dos antigos membros do CBCE, precursor de seus ideais e intenções como comunidade científica. Referimo-nos a Cláudio Gil Soares de Araújo¹¹, que, em 1998, recebeu um convite para, nas palavras dele, expressar “sua compreensão própria e particular acerca do desenvolvimento da entidade nos últimos 20 anos e, na tessitura de seus fios, o próprio desenvolvimento das ciências do esporte no período” (ARAÚJO, 1998). Tratava-se de um convite para que relatasse sua visão acerca dos rumos tomados pelo CBCE até então, ano no qual a instituição comemorava 20 anos.

Assim o fez. Relatou suas impressões e com liberdade expôs suas considerações. Tendo o CBCE “nascido” em 1978, o autor respirou diretamente seus ares até meados de 1983, como relatou, voltando a ter, por algumas vezes, outros contatos diretos com a entidade.

Somente voltei a me encontrar com o CBCE quando recebi, no Canadá, em 1993 [...] uma carta convite para participar de uma mesa-redonda no Congresso de Belém, sobre os 15 anos da entidade [...] Ao iniciar a minha apresentação, pedi para que levantassem as mãos aqueles que eram médicos. *Dentre cerca de 500 ou 600 pessoas na platéia, havia somente um único médico!* (ARAÚJO, 1998, p. 53, grifo nosso).

Como relatou o médico, a instituição que “nascera” 20 anos atrás nos mostra que foi capaz de conquistar sua própria legião de “fíéis” e, diante dessas questões, o sentimento que se seguiu ao médico foi, ao que nos aparenta, o de lamúria. Desse modo, dando seqüência à sua “partilha”, o médico suscitou o seguinte:

¹¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UGF, chefe do Serviço de Medicina do Exercício e do Esporte do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ, professor adjunto do Departamento de Fisiologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e diretor-médico da Clínica de Medicina do Exercício (Clinimex), Rio de Janeiro, RJ.

[...] o CBCE tinha perdido aquilo que, para mim, era o seu ponto forte e diferenciador, o caráter multiprofissional. O CBCE tinha se tornado uma entidade de defesa do professor de Educação Física e de seus problemas de regulamentação, etc., o que acertadamente é importante [...], mas que, ao meu ver, se afastava completamente da proposta inicial do CBCE, como uma instituição ligada, prioritariamente, ao desenvolvimento e à discussão da pesquisa¹² (idem, *ibidem*).

Outra constatação que merece ser assinalada é a de que, após ter ido ter com Deus seu comunicado, o Diabo do conto machadiano foi à terra ter com os homens a pressa de espalhar sua doutrina nova e extraordinária. Tempos depois, após “descer” e “subir”, tendo observado tudo e retificado o que lhe parecera necessário, ponderava-se o seguinte: “A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes [...], vinham alistar-se na igreja nova [...], o tempo abençoou a instituição. A *igreja fundara-se*” (Assis, s.d., grifo nosso).

Retomando agora a fala do médico, não poderia então o professor de educação física, ele próprio, realizar pesquisa científica? Ao que parece e, ensaiando uma resposta premeditada a uma primeira leitura do que se segue no texto do autor, a resposta mais acertada seria não. Mas suas intenções não foram de menosprezar o profissional de educação física, mas sim de chamar a atenção para algo que para ele parece ser irrefutável. Falamos da necessidade de “fazer ciência” a partir dos preceitos das ciências naturais. Assim, dessa necessidade vivida por ele e que, naquele momento, estava representada apenas por um colega de sua “comunidade científica” (KUHNS, 2005), o que nos parece é que um sentimento de descontentamento lhe tomou conta.

Outro ponto a destacar é que, independentemente do emprego da palavra “multiprofissional” em seu texto, não parece também que sua menção se está referindo à busca por uma construção de um debate com outras correntes, com “outros modos de olhar”. O que realmente parece é que ele lamenta a falta da presença dos seus colegas (médicos) na construção dessa entidade científica, o que vem a reforçar a idéia de que a ciência é menos lugar de produção de “verdade”, e mais um lugar de disputa, de conflito e de poder.

O debate acerca dessa construção é complexo e contraditório. Portanto, o exemplo do autor e seu sentimento de lamúria, possivelmente, não devem ser únicos. De modo particular, em seu manifesto de descontentamento acerca dos rumos

¹² Nesta nota podemos visualizar algumas análises equivocadas do autor em relação à conjuntura do CBCE, certamente fruto dos anos que o pesquisador em questão ficou no exterior. Entretanto, tais questões não atrapalham os argumentos levantados pelo autor na seqüência de sua análise.

do CBCE naqueles 20 anos estão marcados também sentimentos de expectativa, felicidade e satisfação, principalmente quando relata o momento de “ideologização” de uma instituição que buscava atender às necessidades de uma comunidade científica preocupada em pesquisar a área do esporte, e também quando da concretização de seus poucos, porém, importantes passos, nos primeiros anos da instituição.

Retomando a discussão sobre os discursos produzidos nessa fase de “nascimento” e desenvolvimento da entidade científica que se legitimara, outros pontos se tornam importantes de ser ressaltados. Imbricada nesse campo de embates e disputas¹³, a instituição, por meio de seus membros e de sua produção do conhecimento, travou – e trava até hoje – uma discussão na esfera do como “fazer ciência” na educação física.

Esse movimento, visualizado por alguns como um momento de “crise”, poderia ser encarado como um tempo de superação, de transposição do “paradigma” das ciências naturais em prol das ciências humanas¹⁴. Entretanto, mesmo esses novos “modos de olhar”, pautados nas ciências humanas, não possibilitam de maneira alguma chegar a uma “verdade absoluta” ou mesmo a uma “verdade relativa”, mas sim a muitas “verdades diferentes” e em diversos domínios distintos. E é à luz desse apontamento que acreditamos que aqueles que professam essa doutrina no campo da produção do conhecimento na educação física não percebem essa condição, qual seja, a de que o estatuto das ciências humanas, tanto quanto o das ciências naturais, opera numa mesma lógica da produção discursiva da “verdade”. Perceber essa condição seria como que provocar um enorme incômodo, sobretudo e, quem sabe, uma crise de “fé”, principalmente naqueles mais “pagãos” e ortodoxos. Afinal, o mesmo aconteceu com o Diabo do conto machadiano, visto que esse movimento de binômio e de negação do outro parece mesmo é alimentar um sentimento de confusão permanente, de anos...

[...] longos anos depois, notou o Diabo que muitos dos féis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não a praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes [...]

¹³ Lino Castellani Filho, diante desse quadro, afirmou que o debate na educação física, numa primeira fase, foi mais político que acadêmico (Castellani Filho apud DAOLIO, 1997, p. 187).

¹⁴ Essa “transposição” das ciências naturais para as ciências humanas no campo da educação física nos parece que desconsidera que as próprias ciências humanas “emergiram” de uma lógica de condições de possibilidade, sendo assim, conjuntamente, antes de terem assumido posturas de ordem política, epistemológica ou científica dentro do cenário nacional da educação física, “filhos(as)” do mesmo discurso da ciência “moderna”. Contudo, acreditamos que a cientificidade ou não do discurso das ciências humanas e suas relações com a educação física merecem ser questionadas e problematizadas mais detalhadamente num estudo futuro.

A descoberta *assombrou* o Diabo [...] o manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que *desorientou completamente* o Diabo (Assis, s.d., grifos nossos).

A respeito da busca por afirmações absolutamente verdadeiras, seja respectivamente no conto machadiano ou nesse campo de disputas apresentado, o que se pode dizer, remetendo-se às palavras de Michel Foucault (1986, p. 12), é que:

A verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela escolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

A "verdade", assumindo esse caráter normativo na sociedade ou numa comunidade científica, no caso deste trabalho, por ter sido por ela mesma criada, dificilmente é questionada pelos seus próprios criadores. As "verdades" funcionam de acordo com a necessidade da sociedade, de acordo com aquilo que ela elege como discurso de "verdade" necessário à sua existência, ao seu fortalecimento, ou seja, imbricados até o pescoço nas dinâmicas das relações de poder (FOUCAULT, 1986, 2004). E, tratando-se de um discurso imerso na realidade de uma comunidade científica, este não pode ser tratado de forma diferente.

Gostaríamos de salientar, ao fim e ao cabo, que ao se estabelecer metaforicamente comparações entre o Diabo, ciências naturais, CBCE, CELAFISCS, "paradigma biológico", ciências humanas e Deus, não necessariamente nessa ordem, o que se buscou foi uma maneira de dialogar com o conto de Machado de Assis, ilustrando que um campo de disputas estará sempre sujeito a embates, discussões e até mesmo lutas, seja num plano real-material, político, ideológico, científico ou espiritual. É nessa mesma lógica que Machado de Assis encerra seu conto, quando o Diabo, em vista de suas constatações mais do que óbvias, porém inesperadas, vai ter com Deus uma segunda conversa, um desabafo e acaba ouvindo a seguinte colocação:

– Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? *É a eterna contradição humana* (Assis, s.d., grifo nosso).

Ao pensarmos a realidade da educação física e remetendo as palavras finais do conto machadiano a uma reflexão, percebemos que a busca por uma "verdade"

que dê conta de justificar sua função social é “limitada e limitante”¹⁵, pois a busca de uma autonomia ou de um saber que seja específico da educação física mostra tons de fragilidade desde suas primeiras tentativas e enfraquece-se cada vez mais na medida em que crescem os esforços para justificá-la.

Outro ponto que suscita reflexões é o movimento de pensarmos em “bem” e “mal”, assunto este que pode ser representado por um embate entre Deus e o Diabo, como sabiamente metaforizado no conto de Machado de Assis. Nesse movimento, o segundo passo seria o de, pretensiosamente, conflitar os dois valores. Representados por dois personagens carregados de simbologia e significados, talvez nos esforçando por afastar tal confronto dos adventos religiosos para uma interpretação não singular, a leitura que poderia ser feita ante esse movimento de contradições é o de que a eleição por um desses princípios, o do bem ou o do mal, implica a oposição aos princípios do outro, mas não um movimento contrário, de negação. Afinal, o sucesso de um depende da existência do outro. Transpondo esse argumento à realidade de uma comunidade científica percebemos que:

[...] precisamos mostrar à comunidade que, quando são nossos adversários, os outros são malévolos e agentes orgânicos de um mundo ruim por princípio – ou porque são positivistas, ou porque são marxistas; ou porque negam o esporte, ou porque fazem a sua apologia; [...] Mas se os outros são, pretensamente para nós, a nossa “base”, então eles são alienados, ingênuos, têm a consciência reificada, perduram na falsa consciência. Precisam apenas do “nosso” esclarecimento para localizarem-se nos combates do mundo (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p. 30).

Essa eterna contradição humana na qual Machado de Assis, a partir de sua fala, inclui a todos por sermos seres humanos¹⁶ reflete-se não apenas na educação física como área de conhecimento, mas também em seus espaços de atuação. Nesse sentido, acreditamos que a produção acadêmica da área deve “continuamente” (des)construir as “verdades”, os saberes e os poderes nela existentes, para que dessa forma se possa implodir essa lógica binária que divide a área da educação

¹⁵ Não se trata de desconsiderar ou desqualificar o debate existente, mas sim entender as relações existentes nesse movimento por uma busca absoluta de verdade que dite a especificidade da educação física, considerando que essa “verdade” se apresenta de maneira provisória, como aponta Michel Foucault (1986), não sendo assim possível justificar algo que se torne absoluto e incondicional.

¹⁶ Em “A Igreja do Diabo”, nem Deus, nem o Diabo. É fato que o Diabo era um velho retórico sutil, e cria um templo de exaltação do pecado (*pecado passa a ser o não pecado*), com êxito absoluto. Mas ao invés da *consagração da verdade*, de justiça e do amor, quando os “fiéis”, veladamente, seguem Deus, o que se nota é que o próprio Deus não atribui à fé, à Igreja, a ele Deus, o fato. E sim, tão-somente à “eterna contradição humana” (PROENÇA, s.d.).

física em ciências naturais e humanas, pois é necessário demonstrar e problematizar que a “verdade” de cada um acaba possuindo elementos do outro, evidenciando que cada pólo não é uno, e sim plural e que são internamente divididos e fragmentados. Acreditamos assim que somente agindo nessa lógica é que a educação física poderá constituir uma estratégia subversiva e fértil para o pensamento e o seu teorizar.

The devil's church and the knowledge production in Physical Education

ABSTRACT: The present essay aims to analyze the knowledge production in Physical Education under the Foucaultian concept of production of truth, which was also contextualized in the short story by Machado de Assis entitled “The Devil's Church”. In order to achieve such intent, we analyzed the academic discussion in this area from the 1970's on, which resulted in the creation of Centro de Estudos de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs) and Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). In this way, we concluded that the academic production in this area should “continuously” (de)construct the prevailing truth, knowledge and power to constitute, perhaps, a subversive and fruitful strategy for thought in physical education.

KEY WORDS: Physical Education; knowledge production; truth.

La iglesia del “diablo” y la producción del conocimiento en la educación física

RESUMEN: Este ensayo busca analizar la producción del conocimiento en educación física, bajo la óptica del concepto foucaultiano del régimen de producción de la verdad, que también fue contextualizado en el cuento “La Iglesia del Diablo” de Machado de Assis. Para alcanzar tal intento, se efectuó un análisis de la discusión académica de esta área a partir de la década del 70, que resultó en la creación del Centro de Estudos de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs) y del Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). En ese sentido, hemos concluido que la producción académica de esta área debe “continuamente” (des)construir las verdades, los saberes y los poderes existentes, para que, quizás, se pueda constituir una estrategia subversiva y fértil para el pensamiento en educación física.

PALABRAS CLAVES: Educación física; producción del conocimiento; verdad.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. G. S. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: um comentário sobre suas etapas iniciais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Ijuí, número especial 20 anos CBCE, p. 50-53, set. 1998.

ASSIS, M. de. A Igreja do Diabo. In: PROENÇA, M. C. (Org.). *Contos consagrados*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

BRACHT, V. Um pouco de história para fazer história: 20 anos de CBCE. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí, número especial 20 anos CBCE, p. 12-18, set. 1998.

_____. *Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

DAOLIO, J. Educação física brasileira: autores e atores da década de 80. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí, v. 18, n. 3, p. 182-191, maio 1997.

_____. *Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980*. Campinas: Papirus, 1998.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NÓBREGA, T. P. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, p. 53-68, 2001.

SILVA, R. V. de S. O CBCE e a produção do conhecimento em educação física em perspectiva. In: NETO, A. F. (Org.). *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 45-69.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. Sobre a experiência e a história: a busca pela consolidação acadêmica da educação física brasileira. In: NETO, A. F. (Org.). *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 1-34.

Recebido: 31 jan. 2007

Aprovado: 30 abr. 2007

Endereço para correspondência

Arthur de Vargas Feron

R. Almeida Junior, 49 – Bairro Guabirota

Curitiba-PR

CEP 81510-080

Marcelo Moraes e Silva
R. Edgard Stefeld, 847 – Bairro Jardim Social
Curitiba-PR
CEP 82530-000